

Walkscapes.

O caminhar como prática estética

O comunicado de imprensa

“Hoje, às 15, no jardim da igreja de Saint-Julien-le-Pauvre [...] o dadá inaugura uma série de excursões em Paris, convida gratuitamente amigos e inimigos a visitar as *dépendances* da igreja. Com efeito, parece que ainda se pode encontrar algo a ser descoberto no jardim, embora ele já seja conhecido dos turistas. Não se trata de uma manifestação antieclesiástica, como se poderia pensar, mas antes de uma nova interpretação da natureza, aplicada, esta vez, não à arte, mas à vida.”



Foto coletiva em Saint-Julien-le-Pauvre. A partir da esquerda: Jean Crotti, Georges D'Espargès, André Breton, Georges Rigaud, Paul Eluard, Georges Ribemont-Dessaignes, Benjamin Péret, Théodore Fraenkel, Louis Aragon, Tristan Tzara e Philippe Soupault.

A visita contada por André Breton

“O princípio das manifestações dadá não foi abandonado. Está decidido que o seu desenvolvimento será diverso. Para esse escopo estão previstas uma série de visitas-excursões em Paris, escolhidas com critérios bastante gratuitos [...] De fato, a aplicação desse novo programa mal está esboçada. A reunião no jardimzinho de Saint-Julien-le-Pauvre teve lugar efetivamente, mas foi obstaculizada pela pancada de chuva e mais ainda pela penosa nulidade dos discursos que ali se pronunciaram num tom deliberadamente provocativo. Não basta termos passado das salas de espetáculo ao ar livre para darmos por encerradas as reciclagens Dadá.”

Parinaud, André. *André Breton. Entretien*. Paris, Gallimard, 1952.

ANTI-WALK

77

Entre as fotos que documentam o evento há uma que retrata o grupo no jardim da igreja, que talvez seja a imagem mais importante de toda a operação. Vê-se o grupo dadá posando sobre um terreno não cultivado. Não mostra nenhuma daquelas ações que acompanharam o evento, como a leitura de textos escolhidos ao acaso de um dicionário Larousse, a entrega de presentes a quem passava por ali ou as tentativas de fazer que as pessoas descessem à rua. O tema da foto é a presença daquele grupo particular na cidade, consciente da ação que realiza e daquilo que está fazendo, isto é, *nada*. A obra consiste em se ter concebido a ação a ser realizada, a visita, e não nas ações a ela correlatas. Talvez seja por essa razão que as outras programadas não se deram. O projeto não fora levado a termo porque já havia terminado. Ter realizado a ação naquele lugar específico tinha o valor de realizá-la na cidade inteira. Não sabemos qual dos artistas do dadá propôs o lugar – “uma igreja abandonada, pouco e mal conhecida, circundada à época de uma espécie de *terrain vague* cercado por paliçadas” – nem as razões da sua escolha. Mas a sua posição, em pleno Quartier Latin, parece indicar que aquele jardimzinho específico em volta da igreja fora escolhido precisamente como se fosse o jardimzinho abandonado perto da própria casa: um espaço a ser indagado por ser familiar e desconhecido, ao mesmo tempo não frequentado e evidente, um espaço banal e inútil que, como tantos, *realmente não teria razão alguma de existir*. A exploração da cidade e a contínua descoberta de realidades a ser reveladas são possíveis em qualquer lugar, até mesmo no coração dos itinerários turísticos parisienses, inclusive na *rive gauche* do bulevar ao longo do Sena, em frente à catedral de Notre-Dame. Com a exploração do banal, o dadá dá início à aplicação das pesquisas freudianas do inconsciente da cidade, tema que será desenvolvido a seguir pelos surrealistas, pelos letristas e pelos situacionistas.

A DEAMBULAÇÃO SURREALISTA

Três anos depois da visita do dadá, em maio de 1924, o grupo dadaísta parisiense organizou outra intervenção no espaço real. Dessa vez,

O andar é um ato cognitivo e criativo capaz de transformar simbólica e fisicamente tanto o espaço natural como o antrópico. Este livro narra uma história da percepção da paisagem através do ato de caminhar: do nomadismo primitivo às vanguardas artísticas do começo do século XX, da Internacional Letrista à Internacional Situacionista, do minimalismo à land art, **Francesco Careri** revisa algumas das propostas históricas que conceberam o ato de deambular não só como uma ferramenta de configuração da paisagem, mas como uma forma autônoma de arte, um instrumento estético de conhecimento e de modificação física do espaço atravessado, que se transforma em intervenção humana.

GGBrasil

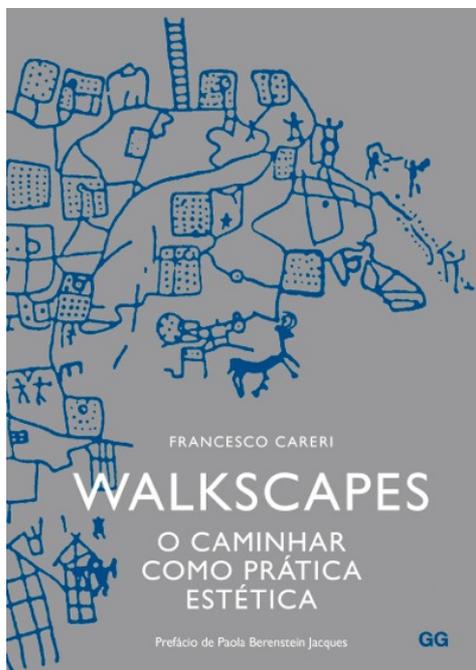
Editora G.Gili, Ltda Av. Jose Maria de Faria 470
Lapa de Baixo
São Paulo - SP - Brasil
cep 05038-190
Tel (11) 3611 2443
www.ggili.com.br

Pela primeira vez é publicado em português **Walkscapes. O caminhar como prática estética**, o clássico de **Francesco Careri** baseado na segunda edição do original, incluindo um epílogo do próprio autor em que este faz um balanço da trajetória do livro desde sua primeira edição em 2002.

O AUTOR

Francesco Careri (Roma, 1966) é arquiteto e, desde 2005, professor do departamento de estudos urbanos da Università degli Studi Roma Tre. Foi cofundador, em 1995, do Laboratorio d'Arte Urbana Stalker/Osservatorio Nomade e, desde 2006, é professor do laboratório de projetos e do curso de artes cívicas da faculdade de arquitetura da Università degli Studi Roma Tre, um curso totalmente peripatético em que se caminha interagindo in situ com os fenômenos urbanos emergentes; desde 2011, é diretor do programa de pós-graduação "Artes arquitetura cidades" da mesma universidade. É autor do livro Constant. New Babylon, una città nomade (Turim, Testo & Immagine, 2001).

DADOS TÉCNICOS



Walkscapes. O caminhar como prática estética

Francesco Careri

Prefácio de Paola Berenstein Jacquesi

14 x 20 cm

200 páginas

ISBN: 9788565985161

Brochura

2013

R\$ 75,00

Mais informação: Nicolau Kietzmann Goldemberg

imprensa@ggili.com.br (11) 3070-3336